



Gabriel A. A. Rossini  
Organizador

# COVID-19

economia, sociedade,  
política e território



Editora  
UFABC

Em meio a um processo difícil e conturbado, os autores desse livro revigoraram o compromisso com a ciência ao assumir a tarefa urgente de analisar as transformações em curso no mundo e, em particular, no Brasil, assolado pela Covid-19. A obra traz uma série de reflexões econômicas, sociais, políticas e territorial na tentativa de não perder o cavalo da história. A partir de perspectivas plurais e interdisciplinares, não eurocêntricas e comprometidas com a vida e sua continuação, combatendo desigualdades, os capítulos versam sobre saúde, educação, trabalho, indústria, meio-ambiente, cidades, comunidades, políticas econômicas e Estado.

Cristina Fróes de Borja Reis



Marinboni.



Foto: Yohann LIBOT. Lisboa, Portugal, presente no site Unsplash Photos. Domínio Público. Disponível em: Photo by Yohann LIBOT on Unsplash. Acesso em: 21/05/2021.

Gabriel A. A. Rossini é economista e doutor em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da UNICAMP. Professor dos Bacharelados em Ciências Econômicas e em Ciências e Humanidades e dos Programas de Pós-Graduação em Economia Política Mundial e em Economia da UFABC. Atual coordenador do Bacharelado em Ciências Econômicas da UFABC. Ex-coordenador (2019-2021) e pesquisador do NEEDDS-UFABC. Autor de diversos artigos publicados em revistas científicas nacionais e estrangeiras.



# **COVID-19**

**economia, sociedade,  
política e território**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

**Reitor** Dácio Roberto Matheus  
**Vice-Reitora** Mônica Schröder

## EDITORA UFABC

**Coordenador** Fernando Costa Mattos  
**Vice-Coordenador** Gerardo Alberto Silva

## Conselho Editorial

|                                   |                                  |
|-----------------------------------|----------------------------------|
| Ailton Paulo de Oliveira Júnior   | Matteo Raschietti                |
| Aléxia Cruz Bretas                | Michela Bordignon                |
| Ana Ligia Scott                   | Monica B. M. Lopez               |
| Annibal Hetem Jr.                 | Mônica Yukie Kuwahara            |
| Bruno Guzzo da Silva              | Muryatan Santana Barbosa         |
| Camilo Andrea Angelucci           | Renata Simões                    |
| Danilo Silvério                   | Reyolando Manoel L. R. F. Brasil |
| Fernanda Nascimento Almeida       | Rosineide de Melo                |
| Francisco J. Gozzi                | Silvia Lenyra M. Campos Titotto  |
| Francisco Miraglia Neto           | Tatiana Berringer de Assumpção   |
| Jean Rodrigues Siqueira           | Tiago Fernandes Carrijo          |
| Leonardo Freire de Mello          | Vinicius Cifú Lopes              |
| Marcella dos Santos Abreu         | Vitor Eduardo Schincariol        |
| Marcelo Araújo da Silva           | Wallace Gusmão Ferreira          |
| Marcia Helena Alvim               | Walter Alexandre Carnielli       |
| Márcio Nicory Costa Souza         |                                  |
| Margarethe Born Steinberger-Elias |                                  |

## Equipe Técnica

Cintia Leite  
Cleiton Klechen  
Thalita Castilho

Gabriel A. A. Rossini (Org.)

# **COVID-19:**

## **ECONOMIA, SOCIEDADE, POLÍTICA E TERRITÓRIO**



Santo André  
2022

© Copyright by Editora Universidade Federal do ABC (EdUFABC)  
Todos os direitos reservados.

**Revisão  
e Normatização  
do Texto** Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos e Balão Editorial

**Projeto  
Gráfico e  
Diagramação** Kooruja Soluções Digitais e Comunicação Educativa

**Capa** Tavares & Tavares

**Imagem da Capa** Gilberto Maringoni de Oliveira

**Impressão** Tavares & Tavares

Catálogo na fonte:  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

---

C873 COVID-19 : economia, sociedade, política e território/  
Organizado por Gabriel A. A. Rossini — Santo André, SP :  
EdUFABC, 2022.

488 p. : il

ISBN: 978-65-89992-20-2

1. Crise Econômica. 2. Consequências socioeconômicas.  
3. Consequências territoriais. I. Rossini, Gabriel A. A., org..

---

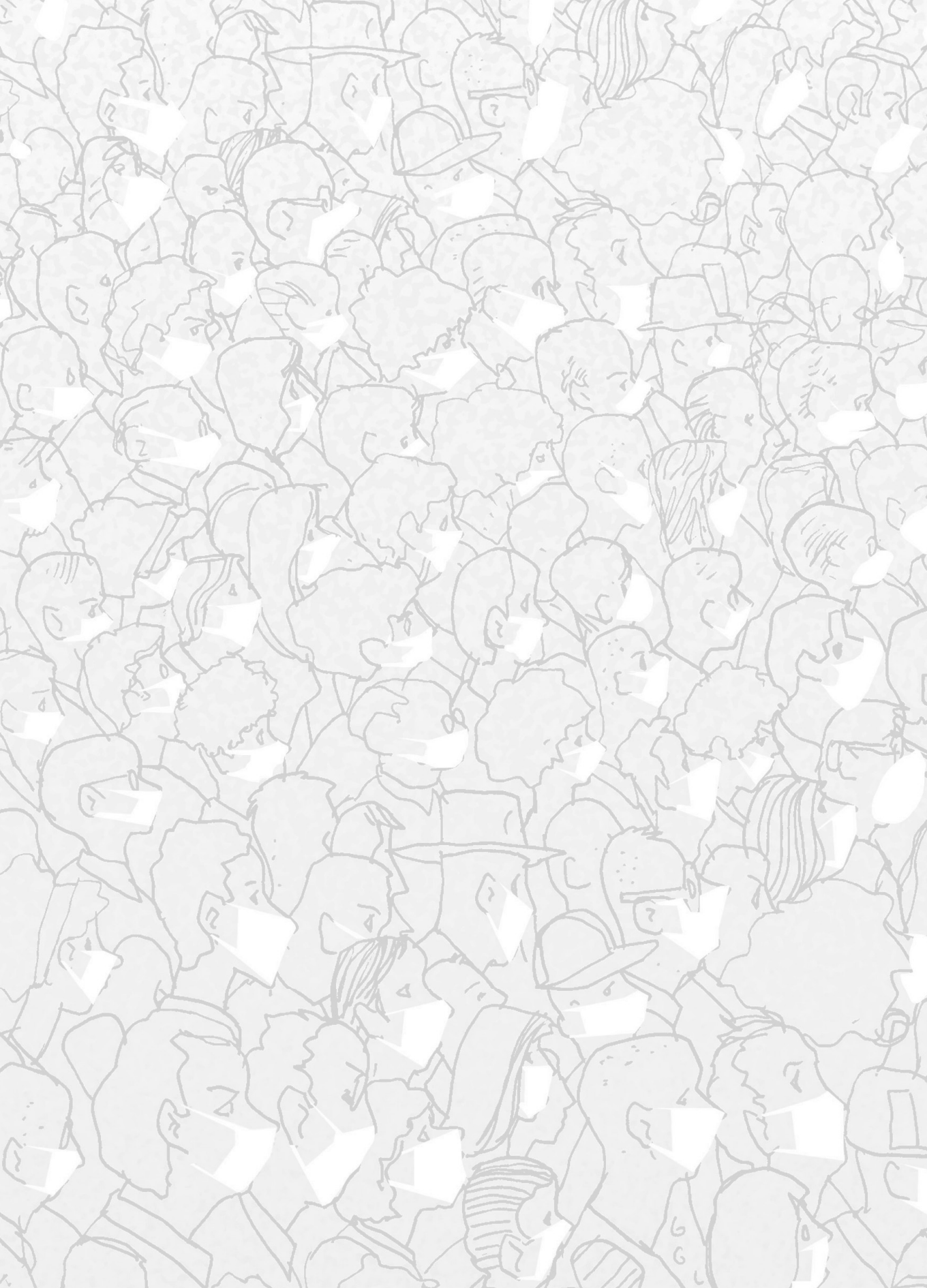
CDD 22 ed. – 338.5420981

Elaborado por Tatiana Hyodo – CRB-8/7392

**Editora  
Vinculada à**

  
**Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias**

*Aos meus filhos, Antonio e Tereza,  
e a todas as demais crianças que tiveram  
suas infâncias impactadas pela  
pandemia da Covid-19.*



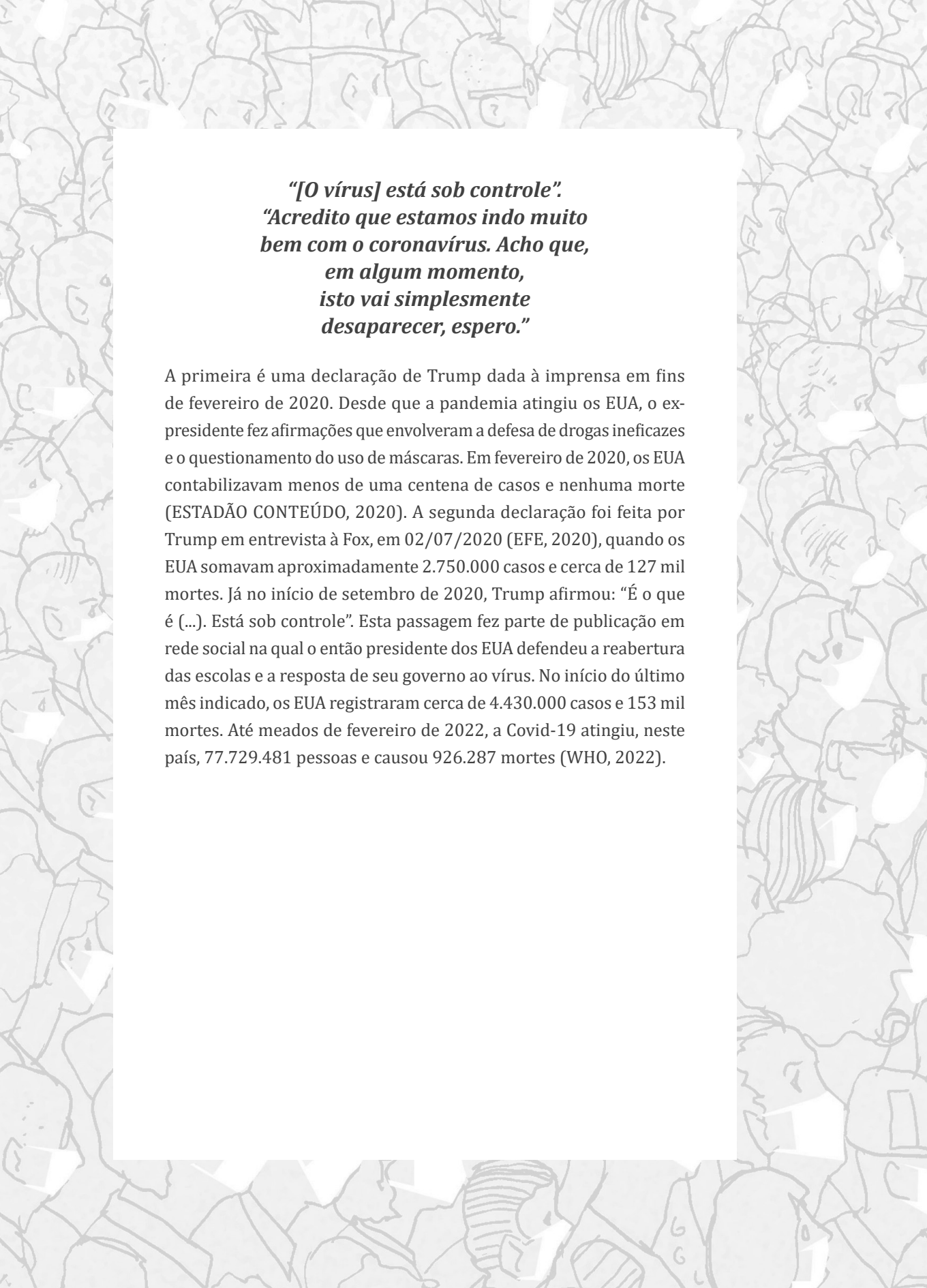
# EPÍGRAFES OU PEQUENA SINFONIA DO ABSURDO

Gabriel Almeida Antunes Rossini

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0701-8986>

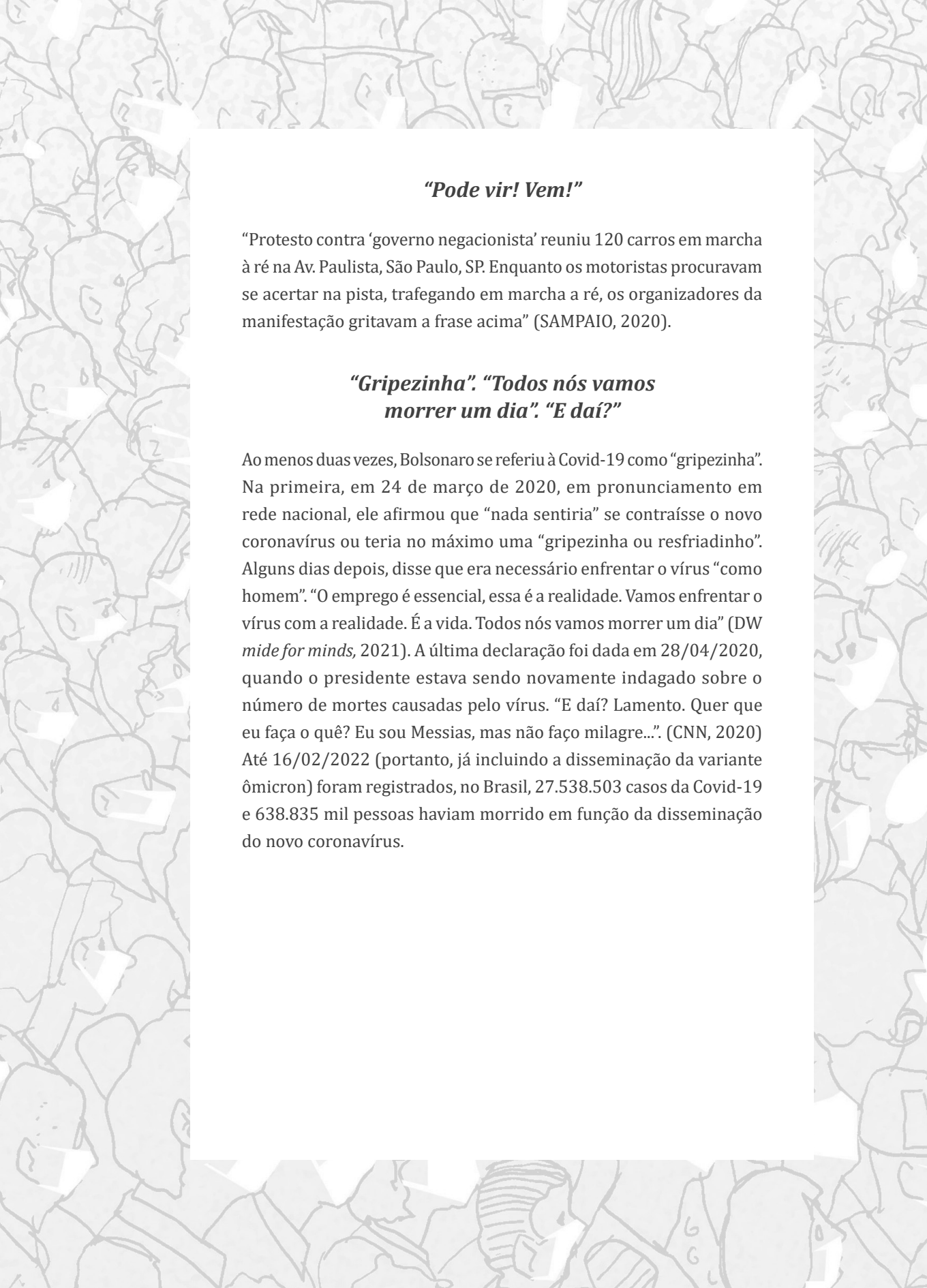
***“O planeta, para um extraterrestre que aterrissasse nos últimos dias, ofereceria uma imagem estranha, entre aprazível e inquietante. Mais de um terço da humanidade está em casa, privada da liberdade de ir e vir, algo tão essencial e que todos nós damos como garantido. As ruas vazias, como as estradas sem carros. Os céus claros, sem aviões. As fronteiras, fechadas. Os líderes? Encerrados também e administrando (...) atabalhoadamente (...) a maior crise que certamente lhes caberá enfrentar em suas vidas. Os cidadãos? Desconcertados (...). Angustiados por sua saúde e a de seus próximos e pelo golpe econômico.”***

(BASSETS, 2021).



***“[O vírus] está sob controle”.  
“Acredito que estamos indo muito  
bem com o coronavírus. Acho que,  
em algum momento,  
isto vai simplesmente  
desaparecer, espero.”***

A primeira é uma declaração de Trump dada à imprensa em fins de fevereiro de 2020. Desde que a pandemia atingiu os EUA, o ex-presidente fez afirmações que envolveram a defesa de drogas ineficazes e o questionamento do uso de máscaras. Em fevereiro de 2020, os EUA contabilizavam menos de uma centena de casos e nenhuma morte (ESTADÃO CONTEÚDO, 2020). A segunda declaração foi feita por Trump em entrevista à Fox, em 02/07/2020 (EFE, 2020), quando os EUA somavam aproximadamente 2.750.000 casos e cerca de 127 mil mortes. Já no início de setembro de 2020, Trump afirmou: “É o que é (...). Está sob controle”. Esta passagem fez parte de publicação em rede social na qual o então presidente dos EUA defendeu a reabertura das escolas e a resposta de seu governo ao vírus. No início do último mês indicado, os EUA registraram cerca de 4.430.000 casos e 153 mil mortes. Até meados de fevereiro de 2022, a Covid-19 atingiu, neste país, 77.729.481 pessoas e causou 926.287 mortes (WHO, 2022).



### ***“Pode vir! Vem!”***

“Protesto contra ‘governo negacionista’ reuniu 120 carros em marcha à ré na Av. Paulista, São Paulo, SP. Enquanto os motoristas procuravam se acertar na pista, trafegando em marcha a ré, os organizadores da manifestação gritavam a frase acima” (SAMPAIO, 2020).

### ***“Gripezinha”. “Todos nós vamos morrer um dia”. “E daí?”***

Ao menos duas vezes, Bolsonaro se referiu à Covid-19 como “gripezinha”. Na primeira, em 24 de março de 2020, em pronunciamento em rede nacional, ele afirmou que “nada sentiria” se contraísse o novo coronavírus ou teria no máximo uma “gripezinha ou resfriadinho”. Alguns dias depois, disse que era necessário enfrentar o vírus “como homem”. “O emprego é essencial, essa é a realidade. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós vamos morrer um dia” (DW *mide for minds*, 2021). A última declaração foi dada em 28/04/2020, quando o presidente estava sendo novamente indagado sobre o número de mortes causadas pelo vírus. “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre...”. (CNN, 2020) Até 16/02/2022 (portanto, já incluindo a disseminação da variante ômicron) foram registrados, no Brasil, 27.538.503 casos da Covid-19 e 638.835 mil pessoas haviam morrido em função da disseminação do novo coronavírus.

***“(...) porque tudo que a gente faz é pau no judiciário, no dia seguinte.***

***Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID e ir passando a boiada e mudando todo o regramento [ambiental] e simplificando normas. De IPHAN,***

***de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada a simplificação (...).”***

***(ALESSI, 2020).***

A conhecida frase foi dita por Ricardo Salles, então ministro do Meio Ambiente, na fatídica reunião ministerial do dia 22 de abril, e tornada pública por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF).

***“País de maricas”. “Chega de frescura, de mimimi”. “Têm alguns idiotas que até hoje ficam em casa”. “Fui acometido do vírus e tomei a hidroxicloroquina (SIC).”***

Em 10/11/2020, ao celebrar como vitória política a suspensão dos estudos, pelo Instituto Butantan, da vacina CoronaVac do laboratório chinês Sinovac, após a morte de um voluntário da vacina, Bolsonaro afirmou que o Brasil deveria “deixar de ser um país de maricas” em



função da pandemia. “Mais uma que Bolsonaro ganha”, comentou. A penúltima declaração foi dada pelo presidente em 04/03/2021, após o país registrar um novo recorde na contagem diária de mortes diárias ocasionadas pela Covid-19, quando o presidente afirmou que era preciso parar de “frescura” e “mimimi” em meio à pandemia, e perguntou até quando as pessoas “vão ficar chorando”. Ele ainda chamou de “idiotas” as pessoas que pediam que o governo fosse mais ágil na compra de vacinas. Na última declaração, o presidente voltou a defender, no dia 11/06/2021, em cerimônia realizada no município capixaba de São Mateus (ES), o uso da comprovadamente ineficaz hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19 (NASCIMENTO, 2021).

***“Eu estou um pouco passada com o que eu escutei agora, porque eu escutei ‘humor’, ‘leveza’ e ‘evitar o estresse’. Então eu não posso falar para o outro fazer a coisa certa por que eu posso ficar estressado? Por que ele pode se ofender e por que eu tenho que tratar isso com leveza? Tem gente morrendo!”***

Natalia Pasternak, presidente do Instituto Questão de Ciência e uma das autoras do prefácio deste livro, perdeu a paciência ao participar de programa jornalístico na TV Cultura com quem sugere “leveza” para lidar com a Covid-19 (METRÓPOLES, 2021).

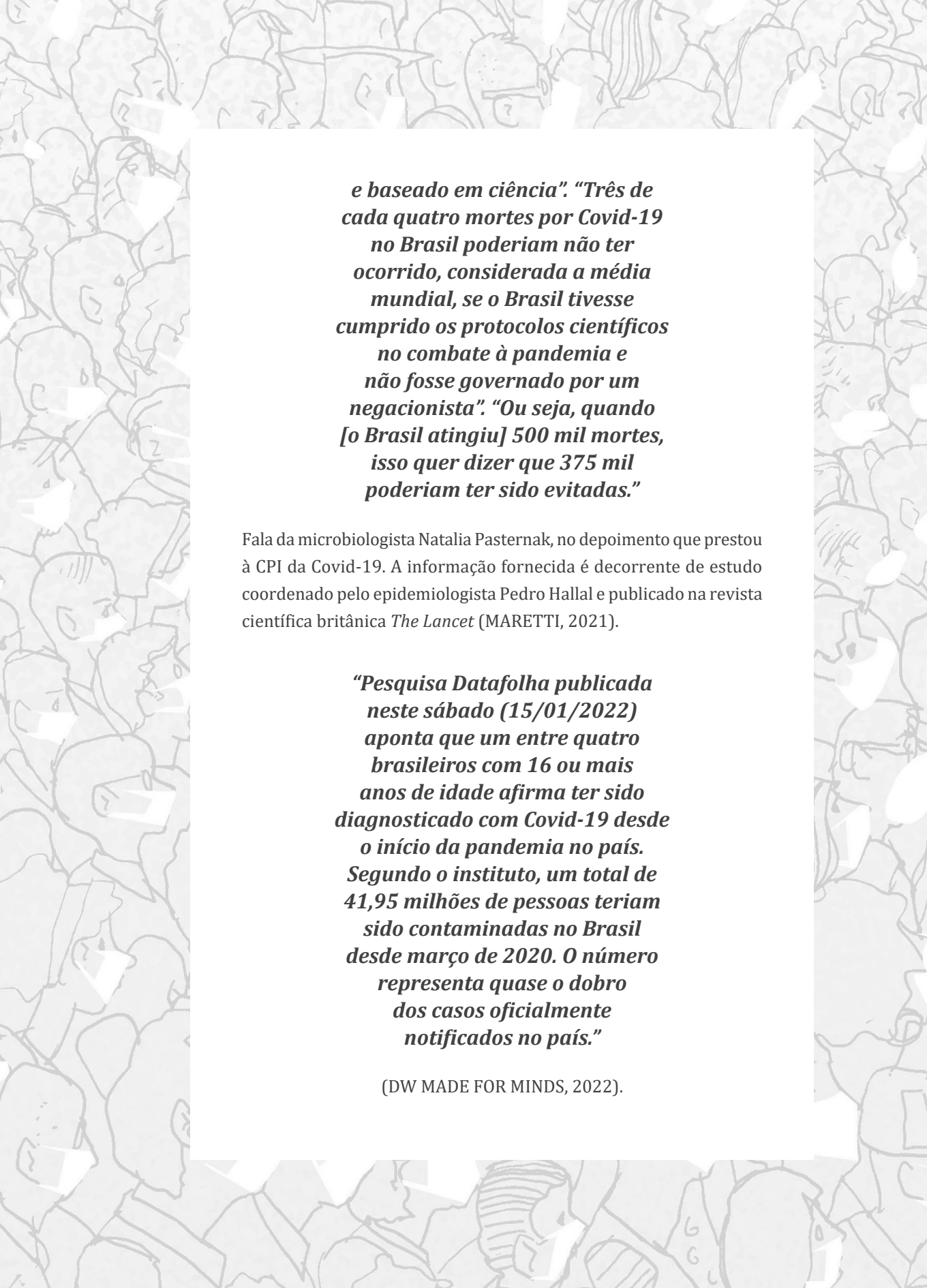
***“Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados (...) estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida muito mais rápido que o previsto.”***



Bolsonaro replicou o conteúdo de uma peça de desinformação que circulou nas redes e foi checada por Aos Fatos, no dia 21/10/2021. A postagem usa como suposta fonte para suas alegações os relatórios semanais do Departamento de Saúde Pública do Reino Unido, que discutem a eficácia das vacinas aplicadas no país. Os relatórios, no entanto, não fazem qualquer menção à Síndrome de Imunodeficiência Adquirida como consequência da imunização contra o Sars-CoV-2 (AOS FATOS, 2021).

***O comportamento do presidente  
Jair Bolsonaro teve impacto  
“gigantesco” para o agravamento  
da pandemia, “pelo cargo que  
ocupa”. “O descaso com que ele  
trata as mortes, as famílias que  
perderam seus entes queridos,  
mostra uma total falta de  
empatia. O discurso é muito  
deletério, porque incita o ódio,  
a violência e é baseado em  
negacionismo. Cria confusão,  
discórdia, falsas controvérsias  
na ciência”. Só é possível “mudar  
o comportamento das pessoas  
com informação adequada  
transmitida de forma honesta.”***

***“O processo de desinformação  
orquestrado pelo governo federal  
e pelo Ministério da Saúde [custou  
muitas vidas] muito mais do que  
se houvesse um processo honesto,  
transparente, comunicativo***

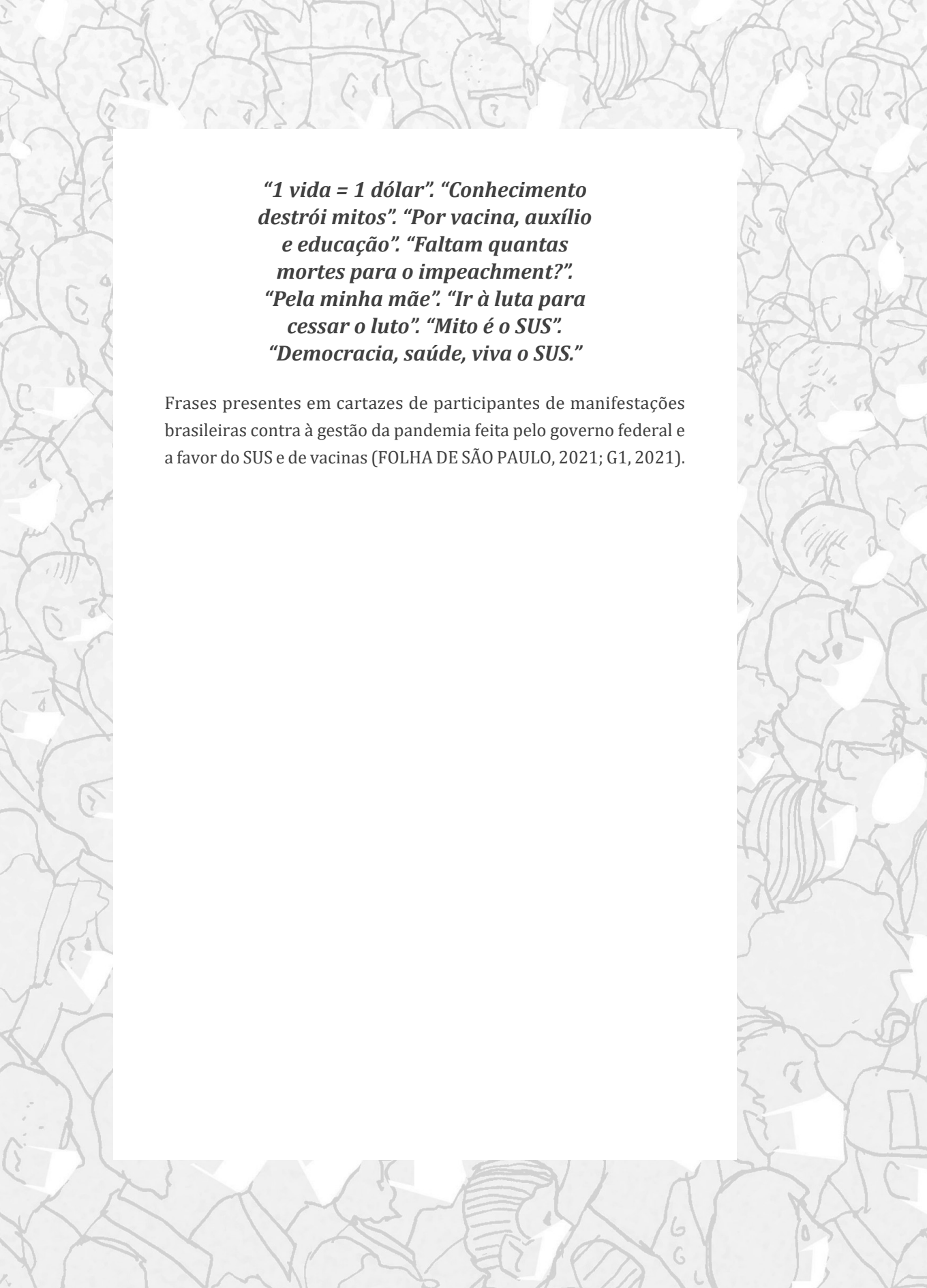


***e baseado em ciência”. “Três de cada quatro mortes por Covid-19 no Brasil poderiam não ter ocorrido, considerada a média mundial, se o Brasil tivesse cumprido os protocolos científicos no combate à pandemia e não fosse governado por um negacionista”. “Ou seja, quando [o Brasil atingiu] 500 mil mortes, isso quer dizer que 375 mil poderiam ter sido evitadas.”***

Fala da microbiologista Natalia Pasternak, no depoimento que prestou à CPI da Covid-19. A informação fornecida é decorrente de estudo coordenado pelo epidemiologista Pedro Hallal e publicado na revista científica britânica *The Lancet* (MARETTI, 2021).

***“Pesquisa Datafolha publicada neste sábado (15/01/2022) aponta que um entre quatro brasileiros com 16 ou mais anos de idade afirma ter sido diagnosticado com Covid-19 desde o início da pandemia no país. Segundo o instituto, um total de 41,95 milhões de pessoas teriam sido contaminadas no Brasil desde março de 2020. O número representa quase o dobro dos casos oficialmente notificados no país.”***

(DW MADE FOR MINDS, 2022).



***“1 vida = 1 dólar”. “Conhecimento destrói mitos”. “Por vacina, auxílio e educação”. “Faltam quantas mortes para o impeachment?”. “Pela minha mãe”. “Ir à luta para cessar o luto”. “Mito é o SUS”. “Democracia, saúde, viva o SUS.”***

Frases presentes em cartazes de participantes de manifestações brasileiras contra à gestão da pandemia feita pelo governo federal e a favor do SUS e de vacinas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021; G1, 2021).

## BIBLIOGRAFIA

ALESSI, GIL. Salles vê “oportunidade” com coronavírus para “passar de boiada” desregulação da proteção ao meio ambiente. *El País Brasil*, 22/05/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-22/salles-ve-oportunidade-com-coronavirus-para-passar-de-boiada-desregulacao-da-protecao-ao-meio-ambiente.html>. Acesso em: 30/05/2020.

AOS FATOS, Em 1143 dias como presidente, Bolsonaro deu 4925 declarações falsas ou distorcidas. Fonte da declaração: <https://www.youtube.com/watch?v=aYF1Isa05Uc> &ab\_channel=JairBolsonaro. Relatório semanal do Departamento de Saúde Pública do Reino Unido: [https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/1016465/Vaccine\\_surveillance\\_report\\_-\\_week\\_36.pdf](https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/1016465/Vaccine_surveillance_report_-_week_36.pdf). Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declaracoes-de-bolsonaro/>. Acesso em: 10/12/2021.

BASSETS. Um mundo em quarentena busca saídas para a crise. *El País Brasil*, 30/03/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-30/um-mundo-em-quarentena-busca-saidas-para-a-crise.html>. Acesso em: 17/06/2021.

CNN. ‘Sou Messias, mas não faço milagre’, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus. 20/04/2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/29/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus>. Acesso em: 15/05/2020.

DW MADE FOR MINDS. Pesquisa revela dimensão da subnotificação no Brasil. 15/01/2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/pesquisa-revela-dimensao-da-subnotificacao-de-casos-no-brasil/a-60438535>. Acesso em: 17/01/2022.

DW MADE FOR MINDS. Vírus verbal: frases de Bolsonaro sobre a pandemia. 05/03/2021. Disponível em: <https://www.dw.com/>

pt-br/v%C3%ADrus-verbal-frases-de-bolsonaro -sobre-a-pandemia/g-54080275. Acesso em: 23/04/2021.

EFE. Trump afirma que coronavírus “simplesmente desaparecerá” em algum momento. 02/07/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/07/02/trump-afirma-que-coronavirus-simplesmente-desaparecera-em-algum-momento.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 08/07/2020.

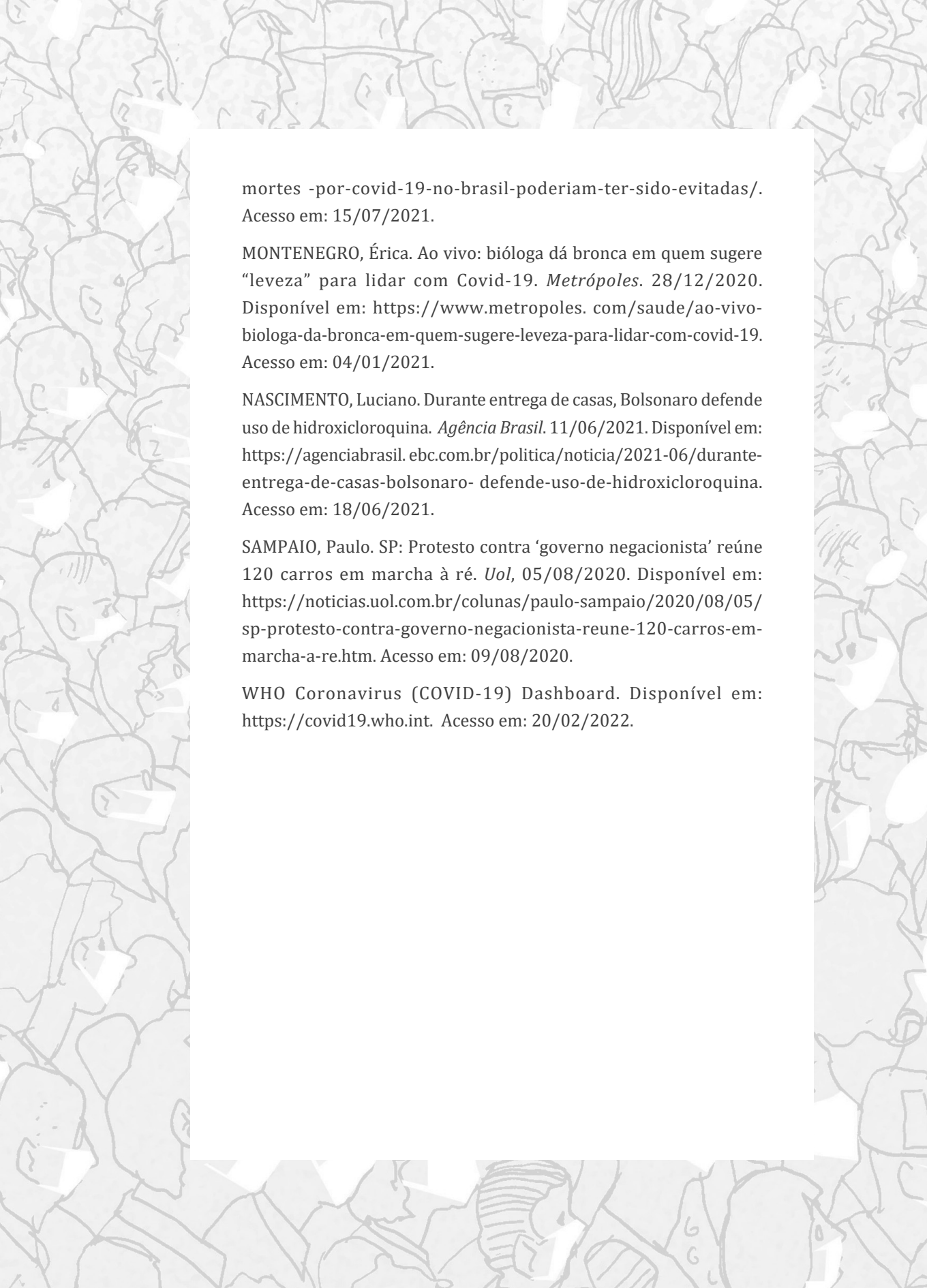
ESTADÃO CONTEÚDO. Trump diz que coronavírus está sob controle nos EUA. 25/02/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/02/25/trump-diz-que-coronavirus-esta-sob-controle-nos-eua.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 05/03/2020.

FOLHA DE S.Paulo. Cartazes marcam manifestações contra Bolsonaro. Diversas cidades do país registraram atos contra o presidente; este é o terceiro mês seguido com protestos de rua. 03/07/2021. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1704288438136866-cartazes-marcam-manifestacoes-contrabolsonaro>. Acesso em: 25/07/2021.

G1. Manifestantes fazem atos contra Bolsonaro e a favor da vacina; Fotos. 03/07/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/03/manifestantes-fazem-atos-contrabolsonaro-e-a-favor-da-vacina-fotos.ghtml>. Acesso em: 27/07/2021.

G1. Veja frases de faixas e cartazes dos protestos contra e a favor de Jair Bolsonaro em BH. 07/09/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/09/07/veja-frases-de-faixas-e-cartazes-dos-protestos-contrae-a-favor-de-jair-bolsonaro-em-bh.ghtml>. Acesso em: 10/11/2021.

MARETTI, Eduardo. Natalia Pasternak: três de cada quatro mortes por covid-19 no Brasil poderiam ter sido evitadas. Rede Brasil Atual, 11/06/2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2021/06/natalia-pasternak-tres-de-cada-quatro>



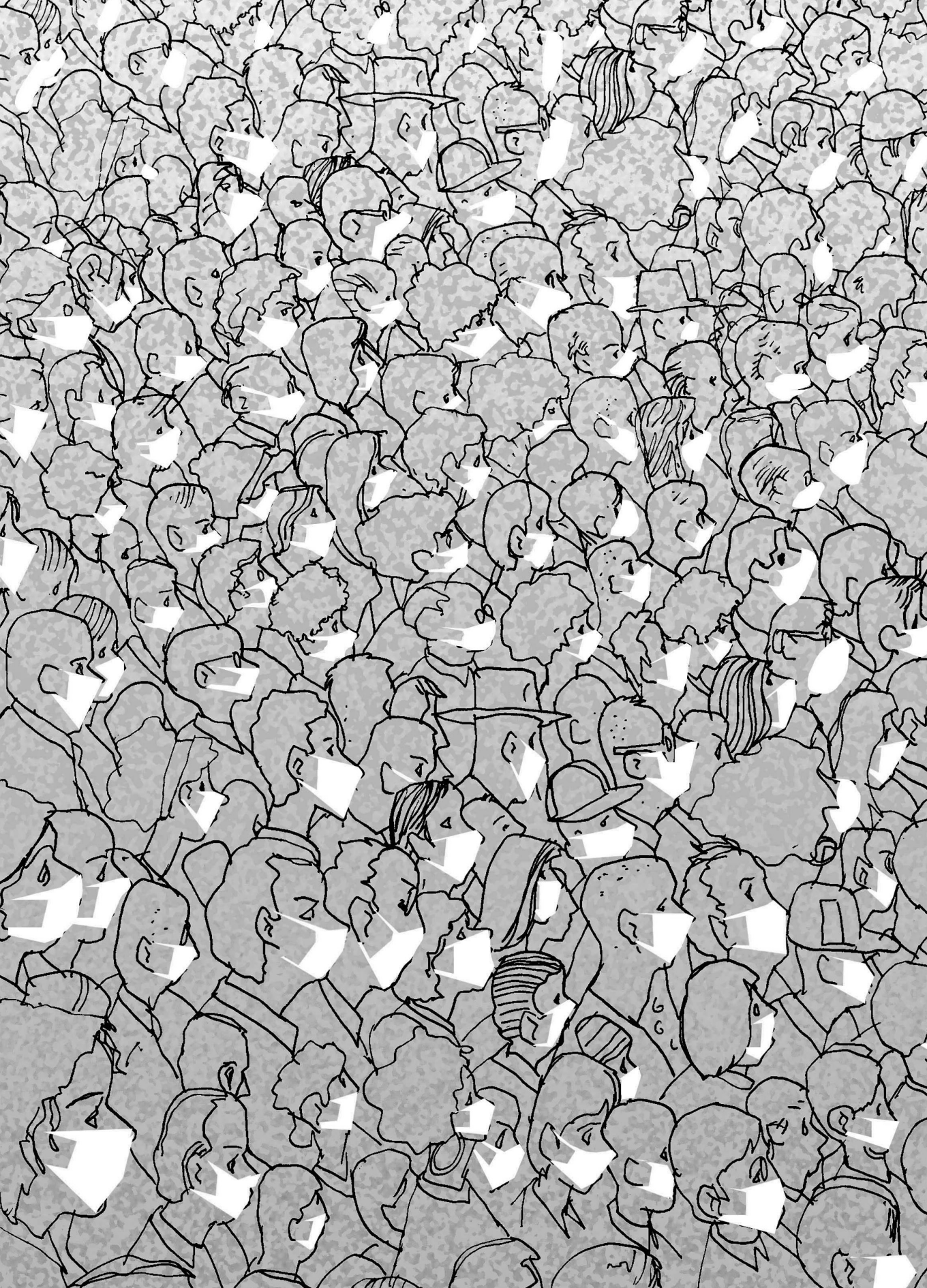
mortes -por-covid-19-no-brasil-poderiam-ter-sido-evitadas/. Acesso em: 15/07/2021.

MONTENEGRO, Érica. Ao vivo: bióloga dá bronca em quem sugere “leveza” para lidar com Covid-19. *Metrópoles*. 28/12/2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/ao-vivo-biologa-da-bronca-em-quem-sugere-leveza-para-lidar-com-covid-19>. Acesso em: 04/01/2021.

NASCIMENTO, Luciano. Durante entrega de casas, Bolsonaro defende uso de hidroxiclороquina. *Agência Brasil*. 11/06/2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-06/durante-entrega-de-casas-bolsonaro-defende-uso-de-hidroxiclороquina>. Acesso em: 18/06/2021.

SAMPAIO, Paulo. SP: Protesto contra ‘governo negacionista’ reúne 120 carros em marcha à ré. *Uol*, 05/08/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/paulo-sampaio/2020/08/05/sp-protesto-contragoverno-negacionista-reune-120-carros-em-marcha-a-re.htm>. Acesso em: 09/08/2020.

WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int>. Acesso em: 20/02/2022.



# SUMÁRIO

|                                                                                                                               |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <i><b>Prefácio</b></i>                                                                                                        |            |
| <i><b>Ou do Homem na Lua à Terra plana . . . . .</b></i>                                                                      | <b>21</b>  |
| Natália Pasternak e Suzana Pasternak                                                                                          |            |
| <i><b>Pano de Fundo . . . . .</b></i>                                                                                         | <b>31</b>  |
| Ladislau Dowbor                                                                                                               |            |
| <i><b>Apresentação . . . . .</b></i>                                                                                          | <b>37</b>  |
| Gabriel Almeida Antunes Rossini                                                                                               |            |
| <i><b>1. Aspectos econômicos, sociais, políticos<br/>e territoriais decorrentes<br/>da pandemia da Covid-19 . . . . .</b></i> | <b>45</b>  |
| Gabriel Almeida Antunes Rossini                                                                                               |            |
| <i><b>2. Desglobalização, globalização<br/>e pandemia: impasses atuais<br/>da economia-mundo capitalista . . . . .</b></i>    | <b>87</b>  |
| Alexandre Abdal e Douglas M. Ferreira                                                                                         |            |
| <i><b>3. Estado, mercado e a difícil<br/>travessia no mundo contaminado . . . . .</b></i>                                     | <b>127</b> |
| Gilberto Maringoni                                                                                                            |            |
| <i><b>4. A crise econômica da Covid-19<br/>e o mundo pós-pandemia . . . . .</b></i>                                           | <b>149</b> |
| Rosa Maria Marques e Álvares de Lima Depieri                                                                                  |            |
| <i><b>5. Pandemia, vigilância e colonialismo digital . .</b></i>                                                              | <b>175</b> |
| Sérgio Amadeu da Silveira                                                                                                     |            |
| <i><b>6. O Brasil enfrenta muito mais do que<br/>a pandemia: dois modelos em conflito . . . .</b></i>                         | <b>195</b> |
| Ladislau Dowbor e Bruno Barbosa Cezar                                                                                         |            |

|                                                                                                                                    |             |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| <b>7. A crise de identidade da indústria brasileira: evidências durante a pandemia . . . . .</b>                                   | <b>.223</b> |
| Cristina Fróes de Borja Reis                                                                                                       |             |
| <b>8. Iconografia da pandemia da Covid-19 . . . . .</b>                                                                            | <b>.261</b> |
| Gabriel Almeida Antunes Rossini                                                                                                    |             |
| <b>9. O SUS e o acesso privado à saúde no Brasil: dois modelos em disputa . . . . .</b>                                            | <b>.283</b> |
| Maria Luiza Levi e Ursula Dias Peres                                                                                               |             |
| <b>10. A discriminação no ensino não presencial na crise da Covid-19: conceituação e relato de intervenção. . . . .</b>            | <b>.311</b> |
| Salomão Ximenes, Fernando Cássio, Silvio Carneiro, Andressa Pellanda e Marina Braz                                                 |             |
| <b>11. Comunidades Tradicionais: cuidado e resistência frente à Covid-19 . . . . .</b>                                             | <b>.341</b> |
| Soraia Chung Saura e Ana Cristina Zimmermann                                                                                       |             |
| <b>12. Sob fogo cerrado: os povos indígenas diante da pandemia da Covid-19 no Brasil . . . . .</b>                                 | <b>.365</b> |
| Juliana Rosalen e Luís Roberto De Paula                                                                                            |             |
| <b>13. A macrometrópole paulista e a pandemia. . . . .</b>                                                                         | <b>.407</b> |
| Suzana Pasternak, Lucia Bogus, e Luis Felipe Ayres Magalhães                                                                       |             |
| <b>14. Camadas da letalidade: os diferentes processos que compõem a vulnerabilidade urbana na RMSP frente à Covid-19 . . . . .</b> | <b>.447</b> |
| Renata Moreira, Luciana Travassos, Bruna Fernandes, Patrícia Maria de Jesus e Rayssa Saidel Cortez                                 |             |
| <b>Posfácio</b>                                                                                                                    |             |
| <b>Covid-19: economia, sociedade, política e território. . . . .</b>                                                               | <b>.483</b> |
| Marcio Pochmann                                                                                                                    |             |

# COMUNIDADES TRADICIONAIS: CUIDADO E RESISTÊNCIA FRENTE À COVID-19

*Soraia Chung Saura*

(ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5002-683X>)

*Ana Cristina Zimmermann<sup>1</sup>*

(ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8566-9613>)

## I. INTRODUÇÃO

Não tínhamos médicos, enfermeiros, enfermeiras para cuidar de nossa saúde. Mas estávamos acompanhados no dia a dia por nossos avós sábios que faziam suas cerimônias de proteção utilizando o breu branco que servia para defumação do ambiente, das pessoas e de outros seres de estimação. Diariamente o grupo de sábios fumando os seus cigarros conversavam sobre o que tinham visto em seus sonhos, que fórmula de proteção havia criado em sua meditação noturna, cada sábio apresentava alguma solução. Com os seus sentidos apurados desviavam a rota das doenças para que não chegassem até nós. Com as forças cerimoniais inutilizavam a agressividade dos seres das doenças. Imaginando que eles tivessem dentes quebravam seus dentes para não nos morderem para transmitir as doenças. Imaginando que poderiam transmitir a doença lambendo-nos arrancavam suas línguas. Imaginando que poderiam transmitir a doença pelo olhar, eles cegavam os olhos dos seres das doenças. Por outra parte transformavam o ser humano, o ambiente e os seres de estimação em corpos resistentes, incandescentes, explosivos, que davam choques; transformavam nossos corpos em corpos

---

1 Professoras da Escola de Educação Física e Esportes/EEFE/USP, atuando nos programas de pós-graduação da EEFE-USP e Faculdade de Educação/FEUSP. Integrantes do Conselho Ad Hoc de Jogos e Esportes Tradicionais da ONU. Atuam com pesquisas filosóficas e antropológicas na área da corporeidade.

quentes, amargos, travosos, azedos e duros. Criavam cercas com os mesmos efeitos para a nossa proteção. Guardavam nossas vidas dentro das luzes do sol, nas nuvens... (Justino Rezende Tuyuka).

A Covid-19 apresentou-se nacionalmente tendo como tendência principal a de atingir as cidades mais populosas – especialmente as do sudeste do país (PAIM e ALONSO, 2020). Sem dúvida, a sua porta de entrada em todo o mundo esteve centrada em movimentados aeroportos, edifícios transnacionais, que, ao lado de sedes corporativas de empresas, bancos multinacionais, cadeias de hotéis, restaurantes e lojas internacionais se apresentam sem identidade local, porém como parte de uma cidade global (PRESAS e MOL, 2004). É emblemático o que representa, então, esta abertura e este acesso: quem o faz é majoritariamente a população branca, masculina e notadamente de classe média alta (BRASIL, 2014), circulando, heroica, em um mundo hiperglobalizado (ABDAL e FERREIRA, neste livro). Desses espaços, enquanto possibilidade de acesso a seus serviços, estão excluídas a grande parcela da população brasileira pertencente às cidades informais.

Se pensarmos ainda no primeiro foco de identificação da doença, a cidade de Wuhan, a mais populosa da região central da China – com aproximadamente 11 milhões de habitantes –, não resta dúvidas da inter-relação que se estabelece entre os grandes centros e a proliferação da pandemia. “Interessante notar como a sucessão de centros mundiais de contágio parece ter seguido a hierarquia da economia-mundo capitalista, abarcando primeiro a China e os países industrializados do eixo do Atlântico Norte (EUA, Europa ocidental e Japão) e, depois, os principais países emergentes, como Brasil, Rússia, Índia, México e Turquia” (tal como escrevem ABDAL e FERREIRA neste livro). São, portanto, os aglomerados de alta densidade, a globalização e o neoliberalismo, alguns dos fatores do mundo contemporâneo que contribuem com o padecimento –, e assim, também com a resistência – das comunidades tradicionais tal e qual as conhecemos hoje.

Assim, com certo senso de injustiça, escrevemos este texto: estamos diante de dados irrefutáveis de proliferação da Covid-19 que acometem, nesse momento, as populações mais distantes das causas e fundamentos desta pandemia. Percebe-se que o contágio passa a adquirir algumas feições, e que as interseccionalidades são determinantes nesse processo dos que são por ele afetados (DAVIS, 2020). Falamos dos vulneráveis dessas cidades informais, que podem ser assim definidos porque possuem classe social, gênero e raça que se entrecruzam não como características identitárias, mas

como barreiras de acesso a direitos. Abalam e impactam, hoje sobremaneira, as comunidades tradicionais brasileiras, muito embora estas incluam em sua definição o distanciamento dos centros com maior densidade populacional. O fato poderia conferir maiores vantagens a essas comunidades no processo de serem atingidos pelo surto, porém são essas populações que historicamente tem sofrido com esta e com outras pandemias, de diferentes naturezas (PAIM e ALONSO, 2020).

É importante salientar, muito embora não seja o foco deste trabalho, que as comunidades tradicionais possuem características específicas que tendem a ampliar sua vulnerabilidade, apesar e por causa do acesso remoto. Falamos de localidades rurais usualmente distantes de suas municipalidades, com alcances complexos às pequenas prefeituras a que estão, em sua maioria, vinculadas. Essas populações estabelecem com estes centros relações de interdependências importantes para a sobrevivência de seus integrantes, como o acesso a serviços básicos de saúde e educação, relações econômicas, dentre outras relevantes para a sua conservação. As distâncias a serem percorridas, somadas aos marcadores sociais, sobrepõem-se uns aos outros no que tange o acesso a direitos fundamentais (GOMES, BRANDÃO e MADEIRA, 2020).

Destas comunidades tradicionais, distantes geograficamente dos transnacionais aeroportos, queremos aqui anunciá-las mais como uma categoria inclusiva do que como conceito fechado. Compreendem-se assim, dentro desse grupo, coletivos bastante díspares entre si, mas que atuam historicamente na produção de saberes divergentes do normalmente instituídos. Vale levar em conta que:

A expressão povos tradicionais designa uma diversidade de situações sociais que têm como denominador comum condições de existência consideradas contrastantes com a “modernidade”, situada nas margens das representações de “desenvolvimento” e “progresso” das potências econômicas e políticas hegemônicas (O'DWYER, 2018, p. 35).

Talvez, por isso, alguns se refiram a elas como humanidades, no plural, revelando sua diversidade, mas, sobretudo, sua situação de exclusão e acesso a direitos. É neste sentido que indaga Krenak:

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de

seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. (...) São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. (...) Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania (2019, p. 8, 11 e 12).

Supressão de direitos, ausência do reconhecimento da importância dessas populações, bloqueio de políticas públicas protecionistas, dependência ao consumo, exaustão dos corpos em mão de obra barata e alienação do mínimo exercício de ser (CALEGARE, HIGUCHI e BRUNO, 2014). Considerando esse enquadramento inicial, sugerimos um olhar para alguns modos de ser dessas comunidades que podem nos inspirar a pensar e a agir a partir de uma perspectiva do cuidado. As comunidades tradicionais, em toda sua multiplicidade, podem ser definidas no geral como sendo:

Grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de maneira mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relacionamento com a natureza, tradicionalmente caracterizadas pela gestão sustentável do meio ambiente (DIEGUES, 2000, p. 22).

Essa noção refere-se a populações indígenas, comunidades pretas e outras em intensa relação com o meio ambiente<sup>2</sup>. No caso específico do Brasil, um país de dimensões continentais, essas comunidades, bastante diversas entre si e mais ou menos isoladas, mantêm seu modo de vida, apesar das imposições do sistema capitalista ocidental. Algumas delas destacam-se mais por suas relações étnico-raciais como indígenas e quilombolas. Outras possuem uma especificidade relacionada ao bioma ou ecossistema ao qual pertencem, como catingueiros e pantaneiros. Outras são marcadas pelos seus principais modos de produção, como os pescadores tradicionais e seringueiros. Outras ainda pela ocupação e pelo uso do território, e assim por diante (COSTA FILHO, 2020).

---

2 Desde 2014 assume-se no Brasil pelo menos 15 tipos diferentes de comunidades tradicionais: agroextrativistas da Amazônia, caiçaras, comunidades de fundo de pasto, comunidades de terreiro, comunidades quilombolas, faxinais, geraizeiros, pantaneiros, pescadores artesanais, pomeranos, povos ciganos, povos indígenas, quebradeiras de coco-de-babaçu, retireiros e seringueiros. (I Encontro Nacional de Comunidades Tradicionais: Pautas para Políticas Públicas, realizado entre os dias 17 e 19 de agosto de 2005, em Luziânia, Goiás).

Uma característica de atravessamento recorrente na literatura diz respeito à proteção ambiental que exercem em seu habitat, devido à sua completa interdependência com o meio ambiente, observação rigorosa dos fenômenos da natureza, das relações não predatórias que estabelecem com outras espécies e meio e, sobretudo, da maneira como evitam fatores externos de atuarem em suas áreas (BRASIL, 2000). Portanto, falamos especificamente de diferentes maneiras do normalmente estabelecido para entender e agir no mundo. No que tange a seu sistema produtivo, o denominador comum são as relações não predatórias, uma vez que suas produções não visam o acúmulo de capital, mas a manutenção de um modo de vida. Quanto ao seu sistema de geração de conhecimento, apresentam formas mais variadas e múltiplas de analisar o entorno. O conhecimento dessas populações está em incessante elaboração, sendo inacabado, estando em processo e sempre atualizado. Ao contrário da ideia de que o tradicional é algo estagnado, finalizado e está aqui para ser preservado, essas comunidades nos mostram como o conhecimento e a tradição estão em constantes atualizações, embora mantenham certas estruturas fundamentais (SAURA e ZIMMERMANN, 2016).

O debate presente neste trabalho está baseado nas pesquisas de campo realizadas pelo Grupo de Estudos Interdisciplinar PULA, que, ao longo de 10 anos, realiza trabalhos de campo em diferentes comunidades brasileiras consideradas tradicionais. Esse grupo integra alunos de graduação e pós-graduação tanto da Faculdade de Educação quanto da Escola de Educação Física e Esporte da USP, pesquisando este saber da ordem da percepção, tanto no que tange seus aspectos educativos quanto de movimentar-se. Seus integrantes dialogam com os conhecimentos e produções de saberes de uma gama bastante diversa de comunidades tradicionais. Em todos os trabalhos, fica nítida a noção de resistência ao mundo contemporâneo, a interdependência ao meio e aos ciclos da natureza, bem como a intensa e sensível produção simbólica, tanto material quanto imaterial.

Também se apoia em pesquisas sobre o brincar livre e espontâneo, as quais são realizadas desde 2000 com a equipe do Projeto Território do Brincar, como a pesquisa “Brincar em Casa”. Durante a pandemia, realizamos entrevistas em profundidade com 55 famílias de diferentes extratos socioeconômicos dos grandes centros urbanos sobre a percepção dos pais a respeito do brincar livre

no isolamento. Para a análise, foram considerados os materiais audiovisuais enviados pelas famílias.<sup>3</sup>

Assim, este texto apresenta uma discussão que busca, a partir de algumas características mais gerais de atravessamento dessas realidades, tecer considerações sobre a pandemia que nos afeta, buscando aproximar o tradicional a um conceito mais recente de ética do cuidado. Reconhecemos os fundamentos dessa ética antes de sua conceituação, no interior dessas comunidades. Entrelaçamos brevemente os gestos do brincar infantil, objetivando, com isso, subsidiar o debate sobre a importância e a centralidade do cuidado mesmo em contextos adversos ou contemporâneos. Não é objetivo nos aprofundarmos nas situações de vulnerabilidade das populações tradicionais, muito embora isso não possa ser perdido de vista. Optamos por visitar conceitos potentes, pincelando perspectivas ecológicas, feministas e decoloniais que, durante a pandemia, revelam-se mister para, quiçá, ampliar nossas perspectivas de possibilidades de atuação e modos de produzir conhecimento, uma vez que a produção acadêmica da América Latina não pode se dar ao luxo de abster-se de um compromisso político.

## II. MODOS DE CONHECER O MUNDO: ESCUTA, CUIDADO E INTERDEPENDÊNCIA

Não se trata necessariamente de apresentar algo novo, mas, diante da situação pandêmica global, de alargar e atualizar nossos quadros sobre modos de vida possíveis. Tião Carvalho, mestre de manifestações tradicionais, diz a esse respeito: “Esses são novos valores, que na verdade são antigos. São novos para alguns olhos” (in SAURA, 2008). Na mesma linha, Lévi-Strauss reflete sobre a perda de referência que a “civilização do tipo ocidental” sofre:

Por muito tempo um ato de fé, a crença em um progresso material e moral voltado a jamais se interromper sofre, assim, sua crise mais grave. A civilização de tipo ocidental perdeu o modelo que dera a si mesma, já não ousa oferecer esse modelo às outras. Portanto, não convém olhar para outros lugares, alargar os quadros tradicionais em que se fechavam nossas reflexões

---

3 Dois resultados dessa pesquisa, que teve o patrocínio do Instituto Alana, são uma produção audiovisual de 30 minutos e uma série de podcasts desenvolvidos pelo Projeto Território do Brincar: <https://alana.org.br/territorio-do-brincar-lanca-documentario-brincar-em-casa/>

sobre a condição humana? Não devemos aí integrar experiências sociais mais variadas e mais diferentes das nossas, além dessas em cujo horizonte estreito por muito tempo nos confinamos? Posto que a civilização de tipo ocidental não encontra mais em seu próprio fundo com o que se regenerar e tomar novo impulso, pode ela aprender alguma coisa sobre o homem em geral, e sobre si mesma em particular, nessas sociedades humildes e por muito tempo desprezadas, que até época relativamente recente haviam escapado à sua influência? (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 11).

Os valores derivados das expressões tradicionais refletem um modo de vida que somos, deste modo, convidados a olhar mais atentamente. Existem pelo menos tantos regimes tradicionais de conhecimento quanto os diferentes povos que compõem este conceito inclusivo e geral que aqui denominamos como comunidades tradicionais. Enquanto que, por hipótese de exclusão, há apenas um regime único para o conhecimento científico, uma gama de modos tradicionais de conhecer o mundo se apresenta em campo. Não há dúvidas de que o conhecimento científico é hegemônico, embora não o sejam as humanidades e sub-humanidades por ele contempladas. Para fins deste trabalho, é importante notar que a ciência hegemônica moderna usa conceitos, enquanto que a ciência tradicional vale-se das percepções de modo geral (CUNHA, 2007, p. 79). É uma diferença bastante expressiva, pois, enquanto a ciência tal e qual a conhecemos hoje empresta, sobretudo, as premissas lógico-aristotélicas e o pensamento não contraditório cartesiano, o saber oriundo dessas comunidades é da ordem da percepção, portanto, corporal, sensível e imagético. Construídos a partir dos sentidos e do mundo percebido, elaboram-se complexos sistemas simbólicos de compreensão das coisas. Esses sistemas não objetivam necessariamente uma explicação da realidade, mas buscam ordená-la e acomodá-la em um todo integrado (SAURA e ZIMMERMANN, 2018). Aglutinam-se em regimes de imagens (DURAND, 2012) que nos atravessam por meio de nossa corporeidade compartilhada (MERLAU-PONTY, 1994).

Da mesma forma que seus modos de conhecer e apreender o mundo, o conhecimento e outras expressões das comunidades tradicionais revelam um processo de aprendizado que necessariamente passa pelo corpo e pelos sentidos. No caso da ciência, isso sugere que o saber dessa outra natureza – o tradicional – é capaz de perceber e antecipar descobertas na ciência como a conhecemos. Tanto na biologia, na farmacologia, nas tecnologias de preservação e manejo, na reprodução de espécies e até em áreas de tecnologia social, as comunidades mostraram sua capacidade de fazer ciência

(LÉVI-STRAUSS, 2012). De fato, a observação precisa da natureza coloca essas populações em um lugar relevante na produção de conhecimento, mas também na geração de sistemas simbólicos e míticos. Esses saberes e imagens inspiram a humanidade desde tempos antigos, e muitas das representações simbólicas são atualizadas no corpo, aqui e agora (BACHELARD, 2008).

Realizado mais por gestos do que por palavras, este saber revela um processo de aprendizagem e transmissão do conhecimento que se processa na vivência, na experiência corpórea dos sentidos. Pode-se dizer que o momento mais institucionalizado de transmissão de saber é a roda. Senta-se em círculos para ouvir os mais velhos desenharem no ar narrativas míticas apresentadas em imagens. Invariavelmente, os mitos fundadores e as lendas daquele povo são repetidos. Não há, no entanto, a necessidade de se explicar racionalmente os acontecimentos, mas de acomodá-los em estruturas, ordenar o caos, maravilhar e sensibilizar. São imagens em movimento de grandes dramas humanos, de contrários, de tragédias e de soluções fantásticas que pouco se relacionam com lógicas sequenciais. Menos ainda a fundos morais. As ambiguidades humanas que estão também em nós aparecem nesses contos e narrativas, condensando, assim, imagens primeiras de formação humana. “Tempo em que se conta é igual ao tempo em que se sonha” (BACHELARD, 1998, p. 104). São as primeiras aulas de humanidade. Por isso, esse momento parece ser um lugar da afirmação de valores fundamentais. Repetidas oralmente tantas vezes quanto necessário, essas narrativas maravilhosas muitas vezes são distantes de nossa realidade contemporânea, mas tanto dizem de nós, de toda forma. A voz dos mais velhos é como a voz do passado do mundo.

Os mestres do saber tradicional frequentemente respondem, quando questionados, sobre como ensinam: “Eu não ensino, faço junto” (depoimento de Tião Carvalho in SAURA, 2008). Esse fazer-junto existencial dialoga com os conhecimentos tradicionais perceptivos, sem necessidade de palavras.

Fora das rodas de conversa, o gestor é o professor. É um conhecimento que enfatiza a precedência da experiência, da referência gestual e corporal. Boaventura de Souza Santos refere-se à primazia dos sentidos na produção do conhecimento como inerente às epistemologias do sul (SANTOS, 2019). “Fazer-junto”, um conceito desenvolvido em outros trabalhos (SAURA e ZIMMERMANN, 2021), é *modus operandi* recorrente dentre essas populações, se presta para as atividades e tecnologias cotidianas a serem ensinadas aos mais novos. Além disso, atende a muitas forças-tarefa implementadas pelos grupos. Configura-se como ação de mutirões que ocorrem na construção,

no ensino, na participação em eventos festivos e, especialmente, na atual situação pandêmica.

Aqui, diferentes grupos se articulam em redes de atenção e cuidado voltados a seus integrantes. De um modo geral, identificam os mais desfavorecidos dentro do coletivo, verificam sua subsistência, como estão na saúde, mobilizam recursos para a distribuição de alimentos. Não apenas durante a situação de pandemia, mas cotidianamente, cuida-se de maneira coletiva dos espaços, da organização de materiais, na construção de obras e equipamentos, e assim por diante. Tudo isso faz parte de um sistema pautado por relações que se aproximam do que academicamente tem sido conceituado como Ética do Cuidado (HELD, 2006), cujo conteúdo relacionamos mais adiante.

Dentre as comunidades que acompanhamos, vimos como a situação de pandemia disparou um alerta e exigiu atenção e esforços redobrados de seus componentes. Na ausência de uma diretriz nacional ou de um plano de contingência mais amplo enquanto política pública, as comunidades reelaboraram para si mesmas as ações de prevenção à pandemia que julgaram pertinentes ao momento. Muitas delas isolaram-se coletivamente, realizando uma inversão no sistema que vivemos atualmente nos centros urbanos. Em acordos tácitos, restringem a circulação interna apenas aos seus moradores. Reduzem drasticamente o número de visitas que cada um realiza nas municipalidades circundantes, elegendo em algumas situações uma liderança para fazê-lo, representando a todos. Em caso de exposição externa ou mesmo de manifestações de algum sintoma, são estes os sujeitos a serem isolados. Isso garante um caráter de normalidade dentro do todo.

Os valores fundamentais compartilhados pelas comunidades recorrentemente incluem as duas pontas do sistema comunitário: os idosos e as crianças. As tradições orais geralmente disseminam esse valor, transmitido de geração em geração por meio de rituais, gestualidades, cotidiano e produções materiais e imateriais (MEIRELLES, 2015). O respeito irrestrito pelos idosos – que geralmente são os mestres dos saberes acumulados – mostra quem são os verdadeiros guardiões do conhecimento reunido por muitas gerações, depositários da memória dessas populações, vinculando a aprendizagem do passado ao prognóstico futuro. Nesse modelo, dificilmente o jovem tem prioridade sobre o idoso, como vimos em muitas das situações-limite na pandemia global. A noção de cuidado e o bem comum são desenvolvidos de modos refinados. Outra ação muito tradicional que inclui cuidados é o modo como esses grupos incluem as crianças em todas as situações cotidianas,

sem separações. Assim, livres, dentro de uma estrutura comunitária maior, podem brincar e participar, de acordo com as habilidades que possuem no momento. De fato, em toda comunidade tradicional, as crianças estão entre todos, com seus responsáveis, mas sendo cuidadas por cada um.

Ser criança com respeito significa poder brincar e participar de atividades de acordo com as habilidades que possui no momento, com autonomia e protagonismo. Nesta estrutura, temos uma inversão completa do que vemos na sociedade de hoje, onde a criança é removida da cena, porque não é produtiva. As crianças podem ser um ser anestesiado para não incomodar. Nessas comunidades, essa lógica é completamente invertida, existe o pensamento de adicionar personalidades. Assim, a criança nunca atrapalha, porque tem uma identidade que inevitavelmente aumentará o grupo. Isso trará vitalidade, veracidade e frescura (depoimento de Paulo Dias in REEKS e MEIRELLES, 2017).

Crianças e idosos estão incluídos dentro do sistema de transmissão de saberes, o “fazer-junto”, que deflagra nossa corporeidade compartilhada (MERLEAU-PONTY, 1982). Aos idosos, cabe observar, apontar potencialidades individuais dentro do coletivo e a transmissão oral. Para as crianças, são oferecidos gestos do fazer sobre todas as tecnologias de produção, com acesso irrestrito aos espaços e atividades. Quando atingem determinada habilidade manual, são manufaturadas pequenas ferramentas ou equipamentos para que possam acompanhar o fazer. Essa perspectiva corporal aparece em diferentes possibilidades de estar com os outros e introduz formas diferentes de alinhar valores e desenvolver novos significados para nossas práticas cotidianas (IROBI, 2012). Fazer-junto requer confiança, participação ativa, repetição anual das mesmas atividades, que são ampliadas conforme as crianças crescem. É a compreensão de que o ser criança já é hoje, e não um vir-a-ser futuro.

### III. AMBIENTE E PANDEMIA

Causa estranhamento o discurso de surpresa de alguns meios, tanto midiáticos quanto administrativos, frente a essa pandemia, bem como em relação a tantos outros desastres que tem acontecido de forma localizada. Alertas sobre o esgotamento dessa forma social de vida tem ocorrido em diversas frentes. Os corpos têm dado sinais de esgotamento, as comunidades tradicionais também, do mesmo modo o meio ambiente, registrados tanto

pela literatura quanto pela ciência. Por que não escutamos, ou não levamos a sério as lições que a história, a ciência e a cultura têm nos apresentado? Fato é que a difusão de uma forma de verdade civilizatória ocidental guiou nossas escolhas em prol de uma noção de humanidade única – de verdade, de justiça e de ciência em evolução – que tem sido questionada pelas diversas áreas do conhecimento e que, agora, encontram um ponto nevrálgico nesta pandemia. O sentimento de desamparo gerado atualmente desloca o foco para a importância do cuidado, e a pergunta sobre o que entendemos por humanidade. O ser humano genérico não existe sob a perspectiva da cultura e a ideia de que frente a crises como essa “estamos todos no mesmo barco” é, nesse sentido, infundada. Pelos motivos elencados anteriormente, somos humanidades que se mantêm de formas diferentes umas das outras, algumas inclusive subjugadas por outras. Atualmente, enfrentamos a dura realidade de um grande número de casos e óbitos entre pobres e negros nas periferias das grandes cidades, não porque o vírus tenha preferência, mas porque essas são as pessoas dependentes da economia informal, portanto mais expostas e vulneráveis (SANTOS et al., 2020).

Para as populações tradicionais, o fechamento para entrada de pessoas externas à comunidade não se constituiu em um problema na situação de isolamento. No entanto,

Fechar os territórios impede a chegada do vírus. Mas uma vez dentro, o modo de vida coletivo e o acesso comum aos recursos podem se tornar mecanismos de propagação do vírus. Daí em diante, apenas um plano consistente de contingência, formas de isolamento social dentro das comunidades, atendimento médico e hospitais de campanha próximo dos territórios com leitos e ventiladores, seriam as medidas necessárias para salvar vidas. Um plano que, frente à hostilidade do governo federal, busca-se junto a aliados, apoiadores, as prefeituras e governos estaduais (MILANEZ, 2020).

O ambiente faz parte de seu sistema simbólico e de geração de recursos, sendo o isolamento dentro de residências algo pouco factível para esses grupos. Se pensarmos nas atividades de produção econômica ou mesmo de cultura, a relação ampla com o espaço está como uma necessidade. Mesmo nos jogos e em outras expressões dessas comunidades, encontramos a profundidade dessas relações ambientais. Suas festividades remontam a, por exemplo, celebrações do nascimento, rituais de caça, festas da colheita, agradecimentos pela abundância de comida e outras manifestações relativas às observações

humanas do movimento da natureza, estações e vida. Eles são traduzidos em tudo o que é produzido para essas celebrações: adereços corporais, espaço, música, dança, comida, rituais, narrativas e produções artísticas e artesanais. Eles estão presentes em nosso repertório de imagens que traduzimos em todas as manifestações artísticas ainda hoje. Eles remontam a tempos de mistério, ao homem ativo com imaginação criativa – essa habilidade que, além da lógica e da razão, nos permite criar, inventar e assumir o impossível (DURAND, 2012). Esses eventos promovem um engajamento corporal (MERLEAU-PONTY, 1994) de toda a comunidade, concentrada em um único evento. Presente em todos os povos e nações, as celebrações ajudam a todos a alinhar valores e desenvolver novos significados para as práticas diárias. Essas perspectivas mostram diferentes possibilidades de estar com os outros e introduzem novas formas possíveis de existência planetária. Ademais, lembra-nos o mestre Tião, não se trata necessariamente de apresentar algo novo. É importante notar que o reconhecimento das relações de interdependência encontra seu ponto mais alto nas celebrações conjuntas, realizadas em mutirões e parte de um sistema de símbolos e significados para essas populações. Revelam suas imagens e valores fundamentais. Falamos de práticas compostas por elementos simples e tecnologia humana complexa que nos mostram um caminho para o diálogo intercultural, corporal e sustentável (ZIMMERMANN e SAURA, 2020). Notadamente, a interdependência é uma das noções da Ética do Cuidado.

No entanto, essa noção no campo da ética é tradicionalmente direcionada aos relacionamentos interpessoais. No caso das comunidades tradicionais, aqui retratadas de forma ampla, percebe-se que suas premissas são menos antropocêntricas e mais ecocêntricas. Existe entre essas populações relacionamentos interespécies e um profundo reconhecimento dessa interdependência, inscrito ao ambiente como um todo (HARAWAY, 2019). Trata-se de uma visão que tem sido ampliada atualmente pela antropologia, no entanto,

Não se trata de uma visão redentora do humano, que retornaria ao seio da natureza apaziguado de suas culpas diante da destruição planetária. Pelo contrário, seria o caso de indicarmos, mediante uma “virada animal”, que o lugar político da diferença não-humana coloca ao humano a necessária reflexão acerca de uma inversão do antropocentrismo, não no sentido de negar a centralidade do humano no Antropoceno, mas de refletir sobre o lugar ético desta centralidade no jogo das diferenças e na manutenção de uma eco-antropologia do vivo, especialmente pelas suas conexões, mais ou

menos diretas, com o animal *symbolicus*, mas sempre em rede ou numa teia da vida (SILVEIRA e OZÓRIO, 2016, p. 7).

De todo modo, nesse sistema de produção, sempre em escala familiar, dificilmente os animais serão submetidos a estresses desnecessários, não há acúmulo de capital, o lucro não é o fim último e assim por diante (ADAMS, 2000). Sabe-se, por exemplo, que o tensionamento existente em relação à criação de animais em larga escala, bem como o estresse gerado no sistema imunológico facilita a produção de doenças, muitas delas chamadas de “doenças de produção”.

A relação de stress, produtividade, deficiência imunológica e suscetibilidade a doenças já foi verificada em várias espécies como frangos, porcos, gado de corte e vacas leiteiras. (...) O impacto das pandemias, epidemias, das infecções alimentares e da erosão do poder dos antibióticos em termos de sofrimento humano e perda de vidas não advém somente de seus efeitos diretos na saúde das pessoas afetadas. Uma pandemia, como estamos presenciando ao vivo, destrói empregos e a capacidade de investimento público, o que por sua vez leva a mais sofrimento e mortes, ainda que mais tardias e menos evidentes (PAIM e ALONSO, 2020, p. 18).

Paim e Alonso ressaltam como o surgimento das pandemias e surtos estão vinculados ao modo como nos relacionamos com o ambiente, especialmente se levarmos em conta as ações desrespeitosas que interferem no mundo animal. Mesmo no Brasil, em 2018, diante de um surto de febre amarela, macacos-prego foram atacados violentamente, pois a eles foi associado o contágio da doença (RAPCHAN, 2019). Outras relações interespecies, ainda que para fins de consumo da comunidade, exigem uma acurada percepção do meio e do comportamento das espécies (FIGUEIREDO e BARROS, 2016).

A interdependência e as práticas de cuidado presentes no cotidiano das comunidades tradicionais encontram ressonância nos agrupamentos urbanos modernos justamente em períodos de crise como esta. Paraisópolis, por exemplo, com cerca de 100 mil pessoas vivendo em um local de alta densidade populacional criou, a partir de sua Associação de Mulheres, lideranças responsáveis por monitorar famílias e seus sintomas, passando por ações educativas, de combate à fome, de atenção aos idosos e à infância. Desse modo, é possível ver ações comunitárias de cuidado mesmo na cidade, que reproduzem o modelo longo das comunidades tradicionais.

Em pesquisas realizadas durante o isolamento na pandemia sobre o brincar de crianças no interior de suas casas,<sup>4</sup> a hipótese girava em torno de uma situação penosa por parte das infâncias em confinamento. Mas o que se observou no primeiro semestre de 2020, mesmo em sua diversidade socioeconômica e cultural, é que as crianças urbanas, elas também, estavam necessitadas de tempos de respiro em suas agendas, tão atribuladas quanto as dos adultos. Vimos como estavam contentes por poderem estar com suas mães, pais, irmãs e irmãos por um longo período, ainda que isso incluísse estar longe dos amigos e da escola. A situação alegre e confortável de 2020 não se estende até a situação pandêmica de 2021, onde atualmente realizamos outra pesquisa sobre a situação dessas famílias e os brincares infantis. Também, de posse dessas inter-relações familiares, observou-se como têm sido produtoras de um brincar criativo, só possível diante de um tempo estendido. A partir de momentos de ócio, valeram-se dos materiais e dos espaços possíveis, criando seus brinquedos e brincadeiras e indagando sobre as coisas do mundo. Atitudes esquecidas, como realizar as três refeições diárias em família, foram também surpreendentes para as crianças, assim como o aguçamento da percepção de tempo, espaço, corpo e eventos naturais ao redor, mesmo de pequenas proporções, como observar uma planta crescendo em um pequeno vaso. “Eu não sabia que o meu pai podia cozinhar”, contou-nos uma delas, espantada com novas gestualidades presentes em seu cotidiano.

Destes brincares e percepções corporais, surgiram questionamentos ontológicos sobre a existência. Frequentemente em seus repertórios, brincavam sobre novas formas de vida possíveis, neste e em outros planetas, mostrando a capacidade de resiliência das gerações mais novas e empolgando sobremaneira os pesquisadores. Não à toa, para as comunidades tradicionais, as crianças representam e apresentam o novo. Nos brincares infantis, ainda que distantes da realidade das comunidades tradicionais, os gestos do corpo e as elaborações simbólicas aproximam-se das imagens identificadas nos fazeres dos povos tradicionais. Talvez porque ambos construam suas noções de mundo pelos dados sensíveis, acessando, deste modo, um repertório comum de imagens corporais e simbólicas. Oriundo da atividade imaginativa, o imaginário – que elabora a realidade no nosso corpo – encontra espaços de expansão do ser no ócio, no tédio, no silêncio, tão presentes no isolamento. E que levam eventualmente aos momentos de criação, por fim. O imaginário manifesta-se em gestos do corpo, por exemplo, na guerra simbólica que vivem os profissionais

---

4 Pesquisa Brincar em Casa, do coletivo de pesquisadores do Projeto Território do Brincar.

da saúde e cientistas contra a Covid-19, que em última instância, trata-se de uma luta contra a morte. Talvez por isso, entre as crianças e seus brincantes infantis, tenhamos tantos super-heróis e guerreiros. O imaginário elabora e dá significado aos fatos, atualiza-se nos discursos das mais diferentes áreas, nas inúmeras formas que encontramos de enfrentar a morte. O imaginário também se alarga nas angústias, nos medos, diante de noticiários alarmantes e na dura realidade (BACHELARD, 2008; PINTO e MARTINS, 2017).

Vale ressaltar que para a sensibilidade dos dados da percepção, eventos como a pandemia têm enorme impacto em termos de sofrimento humano. A consciência das vidas perdidas não permite que os casos sejam tratados como números e estatísticas. Apontamos um perigo ético que as comunidades nos convidam a desviar. Não se pode esquecer a natureza única dos indivíduos e considerá-los apenas como parte de um sistema econômico e produtivo. Especulações sobre números aceitáveis daqueles perdidos para a pandemia não têm sentido quando pensamos nessas pessoas, seu lugar na vida em uma comunidade e o que poderíamos ter feito para que essas perdas fossem evitadas. Trata-se de relacionamentos reais que contribuem com a construção da nossa identidade, portanto, não são valoráveis em termos numéricos.

#### **IV. GESTOS DO FAZER E UMA ÉTICA DO CUIDADO**

Se por um lado as noções de cuidado têm sido amplamente e comumente exercidas nas comunidades tradicionais a que temos acesso, academicamente as noções de uma ética de cuidado têm sido levantadas, sobretudo, pelos estudos feministas. Para a antropóloga Débora Diniz (2020), o mundo pós-pandemia poderia ter valores feministas mais presentes no cotidiano e negociações políticas, em busca de mecanismos coletivos de amparo. Neste sentido, as mulheres sempre souberam que a sobrevivência depende de interdependência, e a esfera do cuidado tem sido predominantemente ocupada por elas ao longo da história. Durante a pandemia, isso fica ainda mais evidente (PISANI, 2020). Além do cuidado na esfera familiar em todos os âmbitos, as mulheres representam aproximadamente 70% da força de trabalho na área de saúde, entre médicas, enfermeiras, técnicas de enfermagem e agentes de

saúde, em escala global (GUPTA, 2020). As mulheres não só assumem esse papel do cuidado como também estão mais expostas aos riscos.<sup>5</sup>

A ética do cuidado oferece uma abordagem potente para pensarmos uma mudança de perspectiva. De acordo com uma de suas precursoras, Carol Gilligan, essa abordagem foi ouvida como uma “voz diferente”, principalmente porque uniu pensamento e emoção, racionalidade e dados sensíveis do corpo. Portanto, é uma proposta incorporada, localizada no tempo e no espaço (GILLIGAN, 2014, p. 89). Parte da experiência de cuidado que foi delegada tradicionalmente às mulheres, e as feministas identificam essa experiência no âmbito corporal por conta dessa vivência histórica dos cuidados domésticos, comunitários e parentais, historicamente desvalorizados, mas que revelam sua centralidade nesta pandemia. Essa ética passa a ser desenvolvida então, em termos teóricos, por mulheres que desenvolvem habilidades perceptivas a partir de sua experiência corporal de cuidar. De acordo com Held (2006), as características principais desta ética são: atenção às necessidades das pessoas pelas quais assumimos responsabilidade; valorização das emoções como simpatia, empatia, sensibilidade e capacidade de resposta; questionamento sobre os limites de aplicabilidade das regras universais e abstratas das teorias morais dominantes; problematização das noções tradicionais sobre o público e o privado; observação das questões morais que surgem nas relações entre desiguais e dependentes; e a concepção de pessoas como relacionais e interdependentes, moral e epistemologicamente, e não como indivíduos independentes e autossuficientes, como prega nosso sistema social. Trata-se de uma ética que não se enquadra nas categorias tradicionais de filosofia, pois questiona a noção de universalidade e amplia as fronteiras convencionais da discussão (DESAUTELS e WAUGH, 2001). Tais características se aproximam das relações estabelecidas nas comunidades tradicionais, que, ademais como visto, consideram ainda o meio ambiente em suas relações de interdependência e cuidado.

A ética do cuidado não exclui a ética da justiça e atua em comunhão com esta. Mas para além dos princípios de igualdade e individualidade, suas

---

5 A interseccionalidade revela dados mais tristes quando cruzamos as informações entre raça e classe. O primeiro caso oficial de morte pela Covid-19 no Brasil foi de uma trabalhadora doméstica que cuidava de sua empregadora que estava em quarentena, diagnosticada com Covid-19 após retornar de viagem à Itália. Caso emblemático da situação de desamparo de um grande grupo de trabalhadoras na América Latina que desempenham trabalhos domésticos ou informais (DINIZ e CARINO, 2020).

decisões estão baseadas no bem comum, como nas comunidades tradicionais que inspiram este texto. Essas populações retêm entre suas práticas um saber acumulado no tratamento de situações-limite que considera o indivíduo dentro do todo. Estes saberes estão incorporados em gestos cotidianos que atravessam gerações. São gestos de escuta, de atenção, de aproximação. Referimos-nos a diferentes técnicas, modos de fazer e conhecer, mas também a uma cosmologia completamente diferente da hegemônica ocidental (CASTRO, 1996). A diferença de perspectiva pode causar estranheza à observação apressada, e o olhar ocidental, tantas vezes etnocêntrico, dificulta a aprendizagem sobre essas diferentes formas de ser. Mas, o corpo nos aproxima. Conseguimos perceber uma gestualidade que exprime a sua dimensão ética e estética nos fazeres como um todo, sejam os mais direcionados à subsistência, sejam nas relações familiares e festividades comunitárias. É possível captar então um engajamento ético com o ambiente e com a comunidade que se elabora em comunhão antes mesmo de qualquer elaboração teórica orientada pela percepção e respeito à vida. Os saberes dialogam, portanto, com conhecimentos científicos contemporâneos provenientes de diferentes áreas, desde biologia à filosofia. Abordagens com perspectivas ecológicas, feministas ou decoloniais possuem as próprias pautas e especificidades, mas, de certa forma, consideram uma perspectiva da escuta e do respeito à diversidade. Nestes momentos de graves crises da humanidade, as comunidades tradicionais mostram sua potência nessas relações, que surgem como novos temas acadêmicos, mas que são originalmente oriundos desses saberes.

Por fim, se pensarmos em termos de gestualidade e sua representação de cuidado, podemos mencionar um gesto que atravessa diferentes populações dentro desse escopo abrangente e inclusivo: a posição de sentar-se sobre seus calcanhares. Assim debruçados, os comunitários cuidam de seus bebês, crianças, idosos, plantações e artesanais. É um gesto que levado ao seu limite, representa o autoabrigo, uma vez que há o enrodilhamento em si mesmo, como a imagem da proteção de um aninhar-se uterino. Podemos considerá-lo como uma gestualidade do cuidado na medida mesma em que se apresenta também como um gesto de proteção. É o primeiro abrigo, nosso corpo mesmo centrado sobre seu eixo. Se há contorno para o gesto, este torna-se ninho, sempre moldado à medida do nosso corpo. Trata-se também de um exercício de confiança.

É um gesto de escuta e atenção, que se inclina ao outro, que concentra, para o centro do corpo. Sentam-se assim para dialogar nas rodas dos mais

velhos. Assim acorados limpam os alimentos e objetos. É um movimento que arredonda a coluna e integra as mãos ágeis às ideias fervilhantes de criação. Sabemos que olhar para o brincar das crianças é sempre uma atualização dessas narrativas e imagens do nosso repertório biocultural em gestualidades. (SAURA e MERELLES, 2015) Quando brincam espontaneamente, livremente, as imagens são acordadas nos gestos.

Em uma gestualidade oposta, temos tantos guerreiros, caçadores, ou os que são fascinados pelos instrumentos de velocidade como carros, barcos e aviões. São instrumentos que ampliam o alcance corporal em velocidade, força, potência. Criações humanas de maior grandeza, fascinantes, como as ferramentas e outros objetos que se tornam extensões corporais (GUMBRECHT, 2007). Do mesmo modo brincam de casinha, cabanas, fortes apaches, bonecas e famílias, independentemente do meio cultural onde estejam inseridos. Se há diferença entre os brincar, elas relacionam-se aos materiais e espaços disponíveis. Os temas costumam ser recorrentes e dialogam com a ideia de uma humanidade que nos atravessa pelo corpo.

A criança agachada, sentada sobre seus tornozelos, investigando miudezas ou outras coisas apresenta uma posição fundamental para uma melhor articulação entre quadril, colunas e pernas. Alonga tecidos e músculos centrais, ajuda a delinear o formato do pé e conseqüentemente, das pisadas. Aumenta a flexibilidade e atua em toda musculatura. É um gesto genuinamente infantil, facilmente perdido nas salas de aula quando as crianças são colocadas sentadas em cadeiras escolares, ou em banquetas, ainda que baixinhas. Ainda pequenas, nessa posição, elas investigam as miudezas do mundo, plantas, insetos, grãos de areia, sementes, tampinhas, peças pequenas e o que mais houver. Depois, maiores, constroem coisas, desenharam, pintam e escrevem. O chão é um grande aliado e central na vida das crianças. O corpo acorado reproduz o movimento da nossa constituição física, a partir da coluna, no ventre materno. É muito confortável pois a coluna refaz esse caminho uterino. É nesse lugar que permanecemos muito tempo, e também é a partir dele que crescemos. É de lá que se expandem todos os outros potentes movimentos do nosso corpo, os saltos maiores, a força, a velocidade, a potência, necessários para o combate nas mais diferentes frentes que tentam abater nossas diferentes humanidades.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendemos a abordar cada nova epidemia e crise na saúde pública de forma independente, ao invés de reconhecer que esses problemas são sintomas de algo comum. A situação de negligência tanto social quanto ambiental mostra como fracassamos como humanidade e anuncia a necessidade de uma mudança radical no âmbito das relações. No âmbito acadêmico, os modelos de fragmentação do conhecimento também indicam seus sinais de vulnerabilidade.

A cada desafio, entretanto, temos a oportunidade de repensarmos perspectivas, alargando nossos campos de visão. Na ciência e na tradição, não se trata apenas de realizarmos novas descobertas. A filosofia das ciências nos mostra como se evolui cientificamente: a partir de crises e insatisfações. Parece-nos mister, portanto, este momento atual para o desenvolvimento de novos conhecimentos, ainda que muito antigos. Bachelard demonstrou também como a ciência não evolui necessariamente em etapas, mas se apresenta em ciclos como o próprio imaginário. Assim, os conhecimentos, tanto científicos quanto tradicionais, atuam mais como coordenação e reorganização de olhares e dados do que propriamente um esquema evolutivo, onde uma etapa se sobrepõe a outra construção. Contra a ideia evolucionista, Bachelard comprova a descontinuidade da ciência, suas perturbações, nomeando-as revoluções ao invés de evoluções. Os saberes atuam principalmente a partir de rompimentos, com novos olhares para as mesmas coisas. Um evento de ordem pandêmica pode evidenciar a potência da grande diversidade de saberes e conhecimentos, tanto tradicionais quanto acadêmicos, na busca de soluções coletivas que respeitem diferenças culturais e ambientais. Podemos nos inspirar, como as crianças, com os gestos do “fazer-junto”, importantes para a manutenção das humanidades.

Cuidar de si, dos outros e do ambiente é uma ética concreta, tomando como parâmetro os valores fundamentais praticados por comunidades que não aderiram ao sistema produtivo dos grandes centros urbanos. Ouvir os chamados do corpo, abrir os olhos para as questões ambientais, perceber as dificuldades de uma humanidade que não se vê mais natureza, sensibilizar-se com a dor do outro, são apelos direcionados às potências corporais que se expandem para uma situação global, sobretudo à forma como nos colocamos em relação. O movimento pela decolonização do conhecimento em favor

dos saberes múltiplos busca justamente recuperar esses conhecimentos, advindos de humanidades negligenciadas, porém com alta produção de tecnologia sustentável, recolocando-as no cenário dos saberes que precisam ser compartilhados.

## BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 145-182, 2000.

BACHELARD, Gaston. *Poética do Devaneio*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRASIL, Ministério da Infraestrutura. *O Brasil que Voa*. Brasília, 2014. Disponível em: <http://transportes.gov.br/obrasilquevoa/perfil-do-passageiro.php>. Acesso em: 20/07/ 2020.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. A Convenção sobre Diversidade Biológica. Brasília: *Secretaria de Biodiversidade e Florestas* (Série Biodiversidade n 1). 2000. Disponível em [https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf\\_dpg/\\_arquivos/cdbport.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_dpg/_arquivos/cdbport.pdf). Acesso em: 20/07/ 2020.

CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; BRUNO, Ana Carla dos Santos. Povos e comunidades tradicionais: das áreas protegidas à visibilidade política de grupos sociais portadores de identidade étnica e coletiva. *Ambient. soc.*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 115-134, Set. 2014.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *MANA*, 2(2), p.115-144, 1996.

COSTA FILHO, Aderval. Traditional peoples and communities in Brazil: the work of the anthropologist, political regression and the threat to rights. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, Brasília, v. 17, e17450, 2020.

CUNHA, Manuela Carneiro. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista USP*, São Paulo, n. 75, p. 76-84, 1 nov. 2007.

DAVIS, Mike, *et al.* *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DESAUTELS, Peggy; WAUGH, Joanne (eds.) *Feminists Doing Ethics*. Lanham, Md.: Rowman and Littlefield, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos (org.) *Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAUB, PROBIO-MMA, 2000.

DINIZ, Debora. Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum. Folha de São Paulo. Entrevista realizada por Ursula Passos. 6 de abril de 2020. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz.shtml?fbclid=IwAR3xgGAHpVniQTA8wmDnszhK-jcDDmIkgx9e\\_OKFizGeW\\_DIbyJZ4Y82POE](https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz.shtml?fbclid=IwAR3xgGAHpVniQTA8wmDnszhK-jcDDmIkgx9e_OKFizGeW_DIbyJZ4Y82POE). Acesso em: 16/07/2020.

DINIZ, Debora; CARINO, Giselle. Patroas, empregadas e coronavírus. *El País*. 21 março. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opinion/2020-03-21/patroas-emplegadas-e-coronavirus.html>. Acesso em: 16/07/2020.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FIGUEIREDO, Rodrigo Augusto Alves de; BARROS, Flávio Bezerra. Caçar, preparar e comer o “bicho do mato”: práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.*, Belém, v. 11, n. 3, p. 691-713, Dec. 2016.

GILLIGAN, Carol. Moral Injury and the Ethic of Care: Reframing the Conversation about Differences. *Journal of Social Philosophy*, 45 (1) 89–106, 2014.

GOMES, Daiane de Oliveira; BRANDAO, Wanessa Nhayara Maria Pereira; MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. Justiça racial e direitos humanos dos povos e comunidades tradicionais. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 317-326, 2020.

GUMBRECHT, Hans. *Elogio da Beleza Atlética*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GUPTA, Alisha Haridasani. Why Women May Face a Greater Risk of Catching Coronavirus. *The New York Times*. 2020. Disponível em: [https://www.nytimes.com/2020/03/12/us/women-coronavirus-greater-risk.html?mc\\_cid=719f7558b4&mc\\_eid=6bbf508b86](https://www.nytimes.com/2020/03/12/us/women-coronavirus-greater-risk.html?mc_cid=719f7558b4&mc_eid=6bbf508b86). Acesso em: 12/07/2020.

HELD, Virginia. The ethics of care. In: Copp, C. (ed.), *The Oxford handbook of ethical theory* (pp.537- 567). Oxford: Oxford University Press, 2006.

IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. *Projeto História*, São Paulo, 44, pp. 273-293, 2012.

HARAWAY, Donna. Cuando las Especies se Encuentran: Introducciones. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 31, p. 23-75, Aug. 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

KREUTZ, Irene; GAIVA, Maria Aparecida Munhoz; AZEVEDO, Rosemeiry Capriata de Souza. Determinantes sócio-culturais e históricos das práticas populares de prevenção e cura de doenças de um grupo cultural. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 89-97, Mar. 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

MEIRELLES, Renata (org.). *Território do Brincar, diálogo com escolas*. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MILANEZ, Felipe. Primeiras notícias da luta dos povos indígenas frente ao Covid-19 e ao genocídio. *Diálogos Socioambientais na Macrometrópole. Dossiê Covid-19*. Vol. Especial. Fapesp, Maio, 2020.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Os antropólogos, as terras tradicionalmente ocupadas e as estratégias de redefinição do Estado no Brasil. *Revista de Antropologia da USP*, 6 (1): 33-46, 2018.

PAIM, Cynthia Schuck; ALONSO, Wladimir J. *Pandemias, saúde global e escolhas pessoais*. Alfenas-MG: Cria Editora, 2020.

PINTO, Sílvia; MARTINS, Moisés de Lemos. Lógicas de vinculação na arte. *Comunicação e Sociedade*, Braga, v. 31, p. 253-269, jun. 2017.

PISANI, Mariane da Silva. *O enfrentamento e a sobrevivência ao Coronavírus também precisa ser uma questão feminista! Portal das ciências sociais brasileiras. Boletim n.12, 2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2323-boletim-n-12-o-enfrentamento-e-a-sobrevivencia-ao-coronavirus-tambem-precisa-ser-uma-questao-feminista>. Acesso em: 10/07/2020.*

PRESAS, Luciana Melchert Saguas; MOL, Arthur P.J.. Ecologizando edifícios transnacionais: entre fluxos globais e espaços locais. *Ambient. soc.*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 9-25, Junho, 2004.

REEKS, David; MERELLES, Renata. *Terreiros do Brincar*. Documentário. 52 min. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo, a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, MÁRCIA PEREIRA ALVES DOS et al. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estud. av.*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 225-244, Aug. 2020.

SAURA, Soraia Chung. *Planeta de boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SAURA, Soraia Chung, MEIRELLES, Renata Dias de Carvalho. Brincantes e Goleiros, considerações sobre o Brincar e o Jogo a partir da fenomenologia da imagem. In: CORREA, Walter; RODRIGUES, Barbara Muglia (orgs). *Educação Física no Ensino Fundamental: da inspiração à ação*. Varzea Paulista: Fontoura, 2015.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. Pesquisas em Jogos Autóctones e Tradicionais, uma perspectiva sociocultural onde a festa é o jogo. In: VELÁSQUEZ, Maria Isabel Herrera; BEDOYA, Daniel Hincapié; GÓMEZ, Qilliam Moreno (orgs.). *Juegos y Deportes Autóctonos, Tradicionales y populares*. Conocimiento desde la Acción Lúdica Latinoamericana. 1ed. Mauritius: Editorial Acadêmico Espanhola, 2018, v. 1, p. 39-48.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. *Traditional games*. São Paulo: Selo Pirata, Laços, 2016.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. Traditional Sports and Games: Intercultural Dialogue, Sustainability, and Empowerment. In: *Frontiers in Psychology*, v. 11, article 590301, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.590301/full>. Acesso em: 30/03/2021.

SILVEIRA, Flávio; OZÓRIO, Andréa. Apresentação. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 05-16, ago/dez, 2016.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. Corpo e Espanto na Filosofia de Merleau-Ponty. In: Nóbrega, T.P; Caminha, I.O. (org.). *Merleau-Ponty e a Educação Física*. São Paulo: Liber Ars, 2019, v. 1, p. 119-132.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. Les savoirs oubliés: corps, tradition et l'environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines. In: *Recherches & éducations* [En ligne], HS | Juillet 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/9147>. Acesso em: 13/04/2020.